



# O CRISTÃO E AS IDEOLOGIAS

Rodomar Ricardo Ramlow

# O CRISTÃO E AS IDEOLOGIAS





# O CRISTÃO E AS IDEOLOGIAS



*“Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro” (Mateus 6:24).*

O clima político no Brasil está demonstrando o quanto as pessoas podem se apegar às suas crenças e fazerem isso irrefletidamente. As redes sociais têm sido amplamente utilizadas e revelam bem a polarização que se criou, especialmente, desde as eleições presidenciais de 2014. As consequências não demoraram a aparecer também dentro das denominações cristãs. A necessidade que muitos tiveram de conhecer melhor as posições e ideologias políticas acabou despertando as pessoas para a presença de tais ideias dentro de suas igrejas. As pessoas se tornaram melhor preparadas para perceber como as ideologias que rejeitam no plano político e social não ficam restritas em um âmbito sociopolítico estanque. Fica o desafio sobre como tratar tais questões na igreja.

Os cristãos creem que Deus é o criador de todas as coisas. As Escrituras deixam isso explícito já em seu primeiro verso: “No princípio Deus criou os céus e a terra”<sup>1</sup>. Tal confissão leva a uma consequência imediata: o cristão que assim crê pode avaliar todas as coisas e reconhecer a verdade ali onde ela estiver<sup>2</sup>. No caso das ideologias, todas elas, por tomarem uma parte isolada da criação de Deus fazendo desta o fundamento de sua explicação de realidade, podem refletir alguma razão ou verdade. Numa perspectiva cristã, portanto, toda ideologia, ao ser analisada com cuidado, poderá ser reconhecida como portadora de certas verdades.

<sup>1</sup> Gênesis 1.1 (Nova Versão Internacional).

<sup>2</sup> Como já teria dito o reformador João Calvino: “Se reputarmos ser o Espírito de Deus a fonte única da verdade, a própria verdade, onde quer que ela apareça, não a rejeitaremos, nem a desprezaremos, a menos que queiramos ser insultuosos para com o Espírito de Deus” (Institutas, Livro II, Cap. II).

A tradição cristã costuma revelar três formas distintas de relação com a cultura: 1) Contra a cultura; 2) Amigo da cultura; 3) Crítico à cultura<sup>3</sup>.

O autor e cineasta Brian Godawa<sup>4</sup> chama a postura contrária a cultura de “anorexia cultural”, aquela postura de considerar tudo que não é “gospel” ou “evangélico” de mundano, logo, a pessoa não vê nenhum filme, não ouve nenhuma música, enfim, nada que seja “do mundo”. Com isso, não sabe aproveitar as coisas boas da vida, não se diverte, pois tudo o que é “do mundo” deve ser evitado. Isola-se num gueto, desenvolvendo uma subcultura alternativa.

Por outro lado, haveria o “glutão cultural” que é como Godawa denomina o amigo da cultura. É aquele que entra por inteiro, não exerce qualquer tipo de senso crítico. Não procura discernir a realidade. Consumindo música, filmes, espetáculos, tudo sem o mínimo discernimento, é aquele tipo de pessoa que quando é questionada, logo responde que “é só por lazer”, ou, que “você é que leva tudo a sério demais”. São pessoas que ignoram que os artefatos culturais não gozam de neutralidade, que não servem apenas para entreter, uma vez que transmitem também uma mensagem que, no final das contas, tem o objetivo de influenciar ideias, atitudes, valores e comportamentos.

Ambas as posturas, por revelarem perspectivas extremadas, são problemáticas. O cristão compreende-se chamado a examinar todas as coisas e reter o que é bom<sup>5</sup>. A relação que se espera de um cristão com a cultura a sua volta não seria de simplesmente consumir tudo acriticamente e, nem tampouco, evitar tudo ou até mesmo condenar todas as coisas como se fossem pecaminosas somente por não serem fruto da produção e iniciativa de cristãos.

3 No meio cristão tornou-se amplamente conhecida a obra de Richard Niebuhr que apresenta cinco opções para a relação entre Cristo e a Cultura: 1) Cristo contra a Cultura; 2) O Cristo da Cultura; 3) Cristo acima da Cultura; 4) Cristo e Cultura em paradoxo; 5) Cristo, o transformador da Cultura. Cada opção representa um paradigma do tipo de relação que os cristãos acabam assumindo com a cultura (NIEBUHR, H. Richard. Cristo e Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967). Optamos por uma abordagem mais objetiva com três opções e que serve, de momento, para nosso propósito.

4 GODAWA, Brian. Cinema e Fé Cristã: vendo filmes com sabedoria e discernimento. Viçosa: Ultimado, 2004. p. 13-22.

5 I Tessalonicenses 5. 21.

Nas palavras do Pacto de Lausanne, um importante documento da comunidade evangélica global, “a cultura deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras. Porque o homem é criatura de Deus, parte de sua cultura é rica em beleza e em bondade; porque ele experimentou a queda, toda a sua cultura está manchada pelo pecado, e parte dela é demoníaca”<sup>6</sup>. Este é um princípio que deveria ser aplicado também ao lidarmos com as ideologias políticas. Há coisas boas a serem reconhecidas, valorizadas e celebradas. Porém, há também os equívocos e os perigos.

Muitas pessoas cristãs acreditam que sua fé nada tem a ver com política. Este é um equívoco que precisa ser superado, pois, a postura contra a cultura reflete o falso pressuposto de que os reinos deste mundo pertencem a satanás<sup>7</sup>. Com isso, a tendência é o isolamento e a incapacidade de interagir e reconhecer que possa existir algo bom na cultura e nas ideologias e que, por isso, merecem reconhecimento e apoio.

Por outro lado, há o risco de um alinhamento político feito de maneira inadvertida. Essa tentativa de combinar a fé cristã com alguma ideologia sem uma análise crítica pode gerar sérios problemas e levar, até mesmo, a verdadeiras tiranias. Não deveríamos tomar as ideologias como se fossem simplesmente discursos neutros, algo que simplesmente se pode tomar sob o argumento de que “o que vale é a intenção”. Uma primeira questão e que, portanto, é chave para os cristãos que desejam nutrir uma correta relação com a cultura, consiste em identificar as raízes religiosas das ideologias. Em outras palavras, é necessário identificar a cosmovisão por trás da cultura e das ideologias. Trata-se do que o filósofo David Koyzis chama de raízes espirituais das ideologias<sup>8</sup>. Somente atentando para isso haverá possibilidade de perceber que há uma verdadeira incompatibilidade entre os pressupostos religiosos das ideologias e os fundamentos do cristianismo bíblico. Uma ideologia acaba reivindicando mais

<sup>6</sup> Pacto de Lausanne. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/pagina/pacto-de-lausanne>>. Acesso em 21 jul. 2016.

<sup>7</sup> Lucas 4. 6.

<sup>8</sup> KOYZIS, David. *Visões e Ilusões Políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 225.

do que uma cosmovisão cristã poderia permitir. Hannah Arendt define ideologia como “os ismos que podem explicar, a contento dos seus aderentes, toda e qualquer ocorrência a partir de uma única premissa”<sup>9</sup>. Ou seja, a partir do momento em que uma ideologia se arroga detentora da capacidade de explicar toda a realidade, ela concorre com a fé cristã que apresenta a sua própria cosmovisão e explicação dos aspectos fundamentais da realidade. Os reducionismos ideológicos acabam promovendo um aspecto da realidade como sendo capaz de fornecer uma explicação total.

Quando pensamos em ideologias políticas, nos lembramos logo de governos, partidos políticos e sistemas jurídicos. Há, no entanto, uma diferença entre ideologias como o liberalismo e o socialismo, por exemplo, para as instituições como o governo e o sistema jurídico. Tal diferença consiste em dizer que tais instituições podem ser utilizadas para bem ou para mal, dependendo de qual direção a ideologia por trás daqueles que administram estas instituições desejam imprimir. Um socialista irá conduzir o governo e criar uma proposta partidária diferente de alguém identificado com o liberalismo, por exemplo. A ideologia, assim, acaba sendo um meio para se alcançar determinado fim. Ao adotar inadvertidamente uma ideologia como meio para fins justificáveis, por mais nobres que estes fins pareçam à causa cristã, o que há, de fato, é idolatria.

Enfim, diante da complexidade da realidade na qual os seres humanos encontram-se inseridos, qual seria a postura que os cristãos deveriam assumir? Já mencionamos a importância de se analisar tudo para reter o que é bom. Nenhuma postura totalmente contrária e tampouco acrítica é desejável. Não podemos, no entanto, interagir e emitir juízos sobre qualquer ideologia sem conhecê-las e identificar aquilo que reconhecem corretamente. Se o liberalismo defende os direitos humanos, nisso estão corretos. Se o conservadorismo defende a importância da tradição e da continuidade histórica, nisso eles acertam. Se os nacionalistas defendem a solidariedade comunitária entre aqueles que compartilham a mesma cidadania, ponto para eles. Se os socialistas pregam a equidade econômica, merecem todo o

<sup>9</sup> ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8a Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 519.

reconhecimento neste aspecto. O problema reside em tornar tais aspectos da realidade verdadeiros absolutos sobre os quais sustentam toda a ideologia. A deificação de um destes aspectos da realidade criada por Deus torna-se em idolatria que gera efeitos nefastos e, como todo ídolo, sacrifícios em nome da causa. Os regimes totalitários servem de exemplo para comprovar isto. Cada ideologia, assim, produzirá seus próprios efeitos colaterais quando ignora a complexidade de uma realidade bem mais ampla.

No cristianismo, enfim, se reconhece que só há um absoluto e este é Deus. Todas as coisas foram por ele criadas e são, portanto, relativas. Não há nada que se possa tomar desta criação para promover como princípio absoluto que não acabará por chocar-se com a verdade bíblico cristã, pois constituir-se-á num ídolo concorrendo com o verdadeiro e único Deus.

A política é uma atividade humana. Cada ser humano, na perspectiva de uma cosmovisão cristã, é uma criatura de Deus e que vive no mundo criado por Deus. Sabemos disso porque a Bíblia o revela. Sabemos, ainda, que vivemos num mundo caído, afetado pelo pecado. Porém, Deus não deixa a humanidade à mercê da própria sorte. Ele vem, em Cristo Jesus, para redimir a humanidade. E, não só a humanidade, mas, todas as coisas<sup>10</sup>. Exatamente por isso os cristãos deveriam ser aqueles que mais se importam com este mundo criado por Deus. Isso implica em reconhecer que a cultura e a política também interessam a Deus e carecem de redenção.

Quando no cristianismo se afirma que Deus é o criador de todas as coisas, a coerência pede que se admita também que existe uma ordem nesta criação. E Deus permanece fiel a esta ordem com que ele criou as coisas. E, nós, os seres humanos, naturalmente seremos mais plenos e realizados se nos submetermos aos preceitos de Deus. A lei de Deus, portanto, não é imposta de forma arbitrária. Esta é uma interpretação que, no entanto, encontra resistência inclusive entre muitas pessoas que se confessam cristãs. O problema é que ao ignorar que Deus cria o mundo com ordem e normatividade perde-se todo e qualquer referencial. Ignora-se, por exemplo, que a função dos governantes é

<sup>10</sup> Colossenses 1. 19-20.

promover a justiça. Sim, entendemos que a promoção da justiça é um dever de cada ser humano a partir daquilo que o próprio Deus espera dos seres humanos. Como uma sociedade irá se organizar para buscar essa justiça é outro capítulo. Os meios para isso Deus não instituiu, pois esta seria uma responsabilidade humana. A promoção da justiça, no entanto, é uma ordem normativa da criação. Como a buscaremos fica sob a responsabilidade da criatividade e da liberdade humana. Cada contexto e realidade exigirá uma abordagem própria. Isso reconhecendo que, inclusive, há restrições à própria liberdade nesta ordem da criação.

Ignorar uma ordem normativa a partir da criação de Deus implicaria em considerar que toda e qualquer decisão humana se pauta sobre mera escolha ou preferência pessoal. Afinal de contas, o que sobraria quando não se pode reivindicar mais nenhum fundamento transcendental? Há quem argumente que restaria a vontade do mais forte, um poder soberano como uma construção social, um contrato, enfim.

Resta, ainda, uma pergunta honesta a ser enfrentada: se todos pecaram, como podemos ter acesso ao conhecimento que nos revela a correta ordem da criação de Deus? Como ter acesso e discernir o que é realmente fruto da boa vontade de Deus? A revelação geral de Deus nos permite dizer que em todas as épocas e em todos os lugares existe certa capacidade humana de reconhecer certas normas<sup>11</sup>. Sem ignorar a realidade do pecado que nos confunde e, até mesmo cega, é fato que ao observarmos a cultura em diferentes lugares do mundo seremos capazes de notar certa tendência pela vida, pela justiça, pela cortesia, pelo discernimento entre o bem e o mal. Como tal revelação geral é insuficiente, Deus faz uso também de uma revelação especial em Cristo Jesus.

Se a realidade está baseada nesta cosmovisão sustentada pela tríade criação-queda-redenção, logo perceberemos que as ideologias procuram oferecer a sua própria versão da realidade. Explicam a origem, os problemas e

<sup>11</sup> Nas palavras do Apóstolo Paulo, “pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas” (Romanos 1:20 – Nova Versão Internacional).

eventuais soluções a partir de outros pressupostos. Uma visão de mundo que parte do princípio de que tudo não passa de uma massa cósmica aleatória sobre a qual os seres humanos simplesmente impõem a sua vontade é bem diferente do que compreender que o mundo é uma boa e ordenada criação de um Deus de amor que criou uma humanidade com responsabilidades. Assim, cada ideologia reflete uma cosmovisão particular que está baseada em algum aspecto da criação, constituindo-se, assim, numa visão reducionista que não é capaz de dar conta da realidade como um todo.

O desafio consiste em buscar por uma abordagem social que seja bíblicamente cristã e que, portanto, não seja idólatra. Se Deus é o único soberano, então, nenhum indivíduo na terra é soberano. A tradição tem o seu valor, mas, é marcada pela realidade do pecado. A comunidade humana é importante, mas, não digna de lealdade irrestrita. Governos podem ajudar a instaurar equidade econômica, mas, são limitados e não devemos depositar sobre ele as esperanças por resolverem todos os problemas. A realidade apresenta uma rica diversidade com a qual é preciso aprender a lidar. No cristianismo se dirá que há uma perspectiva cristã para lidar com todas as coisas. Os condicionamentos geográficos, históricos, econômicos e políticos a que os seres humanos estão submetidos faz com que haja uma verdadeira pluralidade cultural no mundo. Cabe a um governo sob princípios cristãos reconhecer e proteger tal diversidade e, jamais impor apenas uma única noção de cultura. Tal postura confronta diretamente as ideologias que preferem impor seu credo baseado numa visão un forme da realidade e que, por isso, procura moldar tudo a sua própria imagem. Como seres caídos, marcados pelo pecado, cristãos deveriam ser realistas e se conscientizar de que toda a compreensão das coisas é parcial, logo, tomar uma verdade como se fosse toda a verdade obviamente resultará em problemas. Deus é uma unidade que cria um mundo complexo. Nós não temos condições de apreender toda a complexidade desta realidade.

Esta complexa realidade é composta por uma multiplicidade de esferas sociais ou comunidades diferentes em que os seres humanos vivem e exercem responsabilidades distintas. Em tal realidade somente Deus é soberano e

absoluto. Qualquer tentativa de promover algo dentro desta realidade relativa à condição de fundamento configura idolatria. E, todo ídolo costuma exigir seus sacrifícios para que seus objetivos sejam atendidos. O problema com as ideologias é que quando elas reduzem seu sentido de ser a uma parte da criação, acabam negligenciando todo o restante e, assim, numa perspectiva reducionista, sua leitura da realidade acaba negligenciando outros aspectos desta realidade querendo submeter tudo à sua própria perspectiva.

Concluindo, uma ideologia acaba por se identificar como idolatria na medida em que ignora a criação de Deus e apega-se a um fragmento desta criação, identificando neste fragmento o fundamento que confere sentido e razão para a leitura de toda a realidade mais ampla. Uma ideologia, portanto, apesar de conter verdade, pois baseia-se em aspectos da realidade, é incapaz de cumprir o que promete, afinal, reflete uma visão reduzida que nega as diferenças e sacrifica a diversidade do mundo criado em nome de uma unidade idólatra<sup>12</sup>.

# REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. As Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. 8a Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GODAWA, Brian. Cinema e Fé Cristã: vendo filmes com sabedoria e discernimento. Viçosa: Ultimado, 2004.

NIEBUHR, H. Richard. Cristo e Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Pacto de Lausanne. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/pagina/pacto-de-lausanne>>. Acesso em 21 jul. 2016.

KOYZIS, David. Visões e Ilusões Políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas. São Paulo: Vida Nova, 2014.



# Rodomar Ramlow



Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Evangélica em Curitiba/PR – FATEV e Faculdade Teológica Sul Americana de Londrina/PR – FTSA. Especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade Católica de Pelotas/RS – UCPel. Graduado em Tecnologia de Gestão Pública na Universidade Federal de Pelotas/RS – UFPel. Mestre e doutorando em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia na Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Professor e Diretor na FATEV em Curitiba/PR, leciona nas áreas de eclesiologia, história e sistemática, cultura contemporânea e pesquisa.





**fatev**